

JUROS

Economia - Brasil

Promessa de queda

Senado aprova Torós para diretoria do Banco Central

O plenário do Senado aprovou ontem a indicação de Mário Gomes Torós para ocupar a diretoria de Política Monetária do Banco Central. Torós recebeu votos 52 favoráveis e 7 contrários. Pela manhã, a indicação de Torós para o BC foi aprovada por 24 votos favoráveis e três contrários na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE).

O presidente da CAE, senador Aloizio Mercadante (PT-SP), disse que há muito tempo a Comissão não conseguia fazer com que todos os senadores votassem para a indicação de um diretor do Banco Central, a exemplo do que ocorreu com Torós.

Durante a sabatina, Mário Torós, afirmou que a inflação controlada permite o relaxamento da política de juro, apesar de ponderar que o BC precisa ser prudente. Torós



Mário Gomes Torós, em sabatina, na Comissão do Senado Federal

também defendeu o regime de câmbio flutuante e a continuidade da política de acumulação de reservas internacionais.

"A política monetária cumpriu o seu papel no sentido de trazer a inflação para níveis muito mais baixos", disse Torós. "À medida que essa política vem sendo bem-sucedida, o que nós devemos fazer é relaxar essa política monetária... mas eu acho que a prudência deve ser a principal atitude e ação do Banco Central."

Mais tarde, o economista afirmou que a taxa básica de juros do País, a Selic (atualmente em 12,5% ao ano) "é cadente e pode cair muito mais nas próximas reuniões" do Copom, e acrescentou que o Brasil não está condenado a ter juros elevados por muito tempo.

Considerado de perfil mais técnico por analistas, Torós é visto como um diretor que poderia defender uma atuação mais contundente do BC no mercado de câmbio. Ele tam-

bém é visto como potencialmente menos conservador na condução da política monetária que seu antecessor, Rodrigo Azevedo.

Ao defender a política de acumulação de reservas internacionais, Torós argumentou que os custos envolvidos na compra de dólares pelo governo são compensados pela queda da volatilidade e pelo estímulo ao crescimento. "A política de acumulação de reservas deve continuar."

Para o economista, a valorização cambial é resultado dos elevados superávits comercial e financeiro - este último sendo um reflexo de "um forte ingresso de recursos, não só especulativos".

A saída de Azevedo foi anunciada no início deste mês, mas ele ainda participou da reunião do Copom na semana passada - quando a Selic foi reduzida em 0,25 ponto percentual por 4 votos a 3.

Questionado por um senador sobre qual teria sido seu voto na reunião, Torós se absteve de responder, argumentando que seria "deselegante" uma vez que não participou da decisão.